

Sexualidade e Relação de Gênero

2

Denise Pereira
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2019

Denise Pereira
(Organizadora)

Sexualidade e Relações de Gênero 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

S518 Sexualidade e relações de gênero 2 [recurso eletrônico] /
Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Sexualidade e Relações de Gênero; v. 2)

Formato: PDF

Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-049-0

DOI 10.22533/at.ed.490191601

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Pereira, Denise.
II. Título. III. Série.

CDD 306.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

DOI O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Cada vez mais a academia está avançando em pesquisas sobre Sexualidade e Relação de Gênero. No século XXI, a sexualidade é compreendida como algo fluído, que muda ao longo de toda uma vida, é pessoal/individual, cada um com a sua, não há certo ou errado, havendo possibilidades e é paradoxal, ou seja, é sempre diferente da sexualidade dos outros, sendo o traço mais íntimo do ser humano, manifestando-se diferentemente em cada indivíduo, de acordo com as novas realidades e as experiências vividas culturalmente.

E a relação de gênero refere-se às afinidades sociais de poder entre homens e mulheres, em que cada um tem seu papel social que é determinado pelas diferenças sexuais. Que segundo Scott, devemos compreender que “gênero” torna-se, antes, uma maneira de indicar “construções culturais” - a criação inteiramente social de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres.

O conceito de gênero que enfatizamos neste livro está ligado diretamente à história do movimento feminista contemporâneo, um movimento social organizado, usualmente remetido ao século XIX e que propõe a igualdade nas relações entre mulheres e homens através da mudança de valores, de atitudes e comportamentos humanos.

Neste livro são apresentadas várias abordagens sobre “Sexualidade e Relação de Gênero”, tais como: discussões de conceitos; modo de vida, violência, direitos, Lei Maria da Penha, homoparentalidade, emancipação feminina, transexuais, homossexuais, sexualidade infantil, sexualidade masculina, mulheres no cinema e no futebol, entre diversos outros assuntos.

Boa leitura
Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	8
SEXUALIDADES E GÊNEROS NA ESCOLA: DE QUAIS SENTIDOS SE APROPRIA A PRÁTICA PEDAGÓGICA?	
Denise da Silva Braga	
DOI 10.22533/at.ed.4901916011	
CAPÍTULO 2	18
TORPEDO: UM MODELO DE RESISTÊNCIA LÉSBICA NA ESCOLA	
Maria da Conceição Carvalho Dantas	
Denise Bastos de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.4901916012	
CAPÍTULO 3	27
PERCEPÇÕES DE GRADUANDAS DE ENFERMAGEM SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER SOFRIDA NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO	
Michelle Araújo Moreira	
Thaís Borges Gally	
DOI 10.22533/at.ed.4901916013	
CAPÍTULO 4	43
INCURSÕES E INTERDITOS SOBRE AS SEXUALIDADES, IDENTIDADES E AS QUESTÕES DE GÊNERO NO ÂMBITO DA FAMÍLIA E DA ESCOLA	
Karine Nascimento Silva	
DOI 10.22533/at.ed.4901916014	
CAPÍTULO 5	58
HOMOPARENTALIDADE: O QUE A ESCOLA TEM DITO?	
André Luiz dos Santos Barbosa	
Rejane Cristina Lages Rocha.	
DOI 10.22533/at.ed.4901916015	
CAPÍTULO 6	73
CULTURA UNIVERSITÁRIA E FORMAÇÃO DOCENTE: SITUANDO AS TEMÁTICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE	
Luciano Rodrigues dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.4901916016	
CAPÍTULO 7	89
ASSESSORIA TERRITORIAL DE GÊNERO: ENCONTROS TERRITORIAIS E ESTADUAL DE MULHERES RURAIS DOS COLEGIADOS DE PERNAMBUCO	
Gáudia Maria Costa Leite Pereira	
Xenusa Pereira Nunes	
Victor Pereira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.4901916017	
CAPÍTULO 8	99
A ESCOLA COMO EXPRESSÃO DA DIVERSIDADE: OBSERVANDO FRONTEIRAS ENTRE GÊNEROS, IDENTIDADES E ALTERIDADES.	
Pollyanna Rezende Campos	
Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti	

CAPÍTULO 9	107
A SOLIDÃO DOS/AS DOCENTES HOMOSSEXUAIS: NARRATIVA E REFLEXÃO SOBRE O/A PROFESSOR/A HOMOSSEXUAL	
Isabella Marques de Oliveira; Denise Maria Botelho; Agilcélia Carvalho dos Santos.	
DOI 10.22533/at.ed.4901916019	
CAPÍTULO 10	116
A SEXUALIDADE MASCULINA SOB A ÓTICA DAS ESCRITAS LATRINÁRIAS.	
José Edson da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.49019160110	
CAPÍTULO 11	125
CONSTRUÇÃO DO CORPO MASCULINO: RELAÇÕES COM AÇÕES DE PROMOÇÃO DA SAÚDE E PREVENÇÃO DE DOENÇAS	
Daniele Machado Pereira Rocha Maria Thereza Ávila Dantas Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.49019160111	
CAPÍTULO 12	133
IDENTIDADE E IMAGENS DA MARCA RIO: UM ESTUDO SOBRE A INSERÇÃO DO “GAY FRIENDLY” NA IDENTIDADE DA MARCA RIO E SUA CONCRETIZAÇÃO NAS POLÍTICAS PÚBLICAS MUNICIPAIS.	
Patrícia Cerqueira Reis	
DOI 10.22533/at.ed.49019160112	
CAPÍTULO 13	142
O MODO DE VIDA GAY COMO ESTETIZAÇÃO DA EXISTÊNCIA	
José Nilton Conserva de Arruda Marianne Sousa Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.49019160113	
CAPÍTULO 14	155
TRAJETÓRIAS DE GAYS NEGROS NA ESCOLA DA ZONA RURAL: PERSPECTIVAS INTERSECCIONAIS	
Marcos Andrade Alves dos Santos José Kasio Barbosa da Silva Renata Queiroz Maranhão Antônio Jefferson Teixeira Sousa Juliana Brito Cavalcante Assencio Daniele Gruska Benevides Prata	
DOI 10.22533/at.ed.49019160114	
CAPÍTULO 15	169
UM ESPELHO CONTRA ESPELHO: A DISPOSIÇÃO INATA DA NATURA	
Jobson Rios dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.49019160115	

CAPÍTULO 16	177
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MULHERES MASTECTOMIZADAS SOBRE SEXUALIDADE	
Michelle Araújo Moreira Ana Beatriz Santana de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.49019160116	
CAPÍTULO 17	189
PERCEPÇÃO DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA PARA OS JOVENS: REVISÃO SISTEMÁTICA	
Paula Orchiucci Miura Estefane Firmino de Oliveira Lima Maria Marques Marinho Peronico Pedrosa Ellen Borges Tenorio Galdino Kedma Augusto Martiniano Santos	
DOI 10.22533/at.ed.49019160117	
CAPÍTULO 18	203
LIDERANÇAS FEMININAS RURAIS: CONHECIMENTO E ACESSO A POLÍTICAS PÚBLICAS NO TERRITÓRIO DO AGRESTE MERIDIONAL DE PERNAMBUCO	
Gáudia Maria Costa Leite Pereira Xenusa Pereira Nunes Victor Pereira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.49019160118	
CAPÍTULO 19	212
MULHERES CINEASTAS, FEMINISMO NEGRO E OS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS: EXPERIÊNCIAS NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA	
Lucas Leal	
DOI 10.22533/at.ed.49019160119	
CAPÍTULO 20	230
“VESTIDO NUEVO” – REFLETINDO SOBRE SEXUALIDADE E GÊNERO A PARTIR DE UM CURTA METRAGEM	
Sílvia Rita Magalhães de Olinda Tereza Cristina Pereira Carvalho Fagundes	
DOI 10.22533/at.ed.49019160120	
CAPÍTULO 21	240
ESCANTEIO: MULHERES QUE TROCAM O ROSA CULTURAL PELO PRETO DA TRADIÇÃO - O CAMPO DA ARBITRAGEM EM FUTEBOL	
Ineildes Calheiro Eduardo David Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.49019160121	
CAPÍTULO 22	256
ESTRUTURA DA REPRESENTAÇÃO DA(S) TRANSEXUALIDADE(S) POR MULHERES (TRANSEXUAIS)	
Carle Porcino Jeane Freitas de Oliveira Maria Thereza Ávila Dantas Coelho Dejeane de Oliveira Silva Cleuma Sueli Santos Suto	
DOI 10.22533/at.ed.49019160122	

CAPÍTULO 23	266
UMA APRECIÇÃO DO COMPORTAMENTO DE CONSUMO METROSSEXUAL EM SETORES DA ECONOMIA CRIATIVA	
Daniel Kamlot	
DOI 10.22533/at.ed.49019160123	
CAPÍTULO 24	277
FAZER-SE RAINHA MIRIM NUMA FESTA DE CAMINHONEIROS: SOBRE (DES)PRATICAR NORMAS DE GÊNERO NUM CONCURSO DE BELEZA	
Marcos Ribeiro de Melo	
Michele de Freitas Faria de Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.49019160124	
CAPÍTULO 25	289
GÊNERO E SEXUALIDADES: INVESTIGANDO A CONCEPÇÃO DE PSICÓLOGAS(OS)	
Rayane Ribas Martuchi	
Ticiane Paiva de Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.49019160125	
CAPÍTULO 26	302
REFLEXÕES ACERCA DO ENSINO DE GÊNERO NA PSICOLOGIA: UM CAMINHO A SE PERCORRER NA GRADUAÇÃO?	
Lara Araújo Roseira Cannone	
Raissa Lé Vilasboas Alves	
DOI 10.22533/at.ed.49019160126	
SOBRE A ORGANIZADORA	310

PERCEPÇÕES DE GRADUANDAS DE ENFERMAGEM SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER SOFRIDA NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO

Michelle Araújo Moreira

Profa Titular do Curso de Enfermagem da
Universidade Estadual de Santa Cruz
Ilhéus - Bahia

Thaís Borges Gally

Graduanda em Enfermagem pela Universidade
Estadual de Santa Cruz
Ilhéus - Bahia

RESUMO: A violência contra a mulher refere-se a qualquer atitude violenta física ou verbal, pautada no gênero, que suceda ou tenha possibilidade de ocasionar óbito ou sofrimento corpóreo, psicológico ou sexual, na esfera pública ou privada. A pesquisa instituiu como objetivo geral: analisar as percepções de graduandas de Enfermagem sobre a violência contra a mulher sofrida no ambiente universitário. Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo e exploratório aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Santa Cruz sob parecer nº 2.381.134. O lócus do estudo foi a Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Os sujeitos foram graduandas de Enfermagem, do sexto ao décimo semestre conforme critérios de inclusão. Os dados foram coletados através de entrevista semiestruturada e a análise realizou-se pelo método de análise de conteúdo

temática proposto por *Bardin*. Evidenciou-se que há uma insuficiência de conhecimentos das graduandas de Enfermagem acerca da violência contra mulher, que restringem seu conceito às tipificações. Além disso, essas graduandas são expostas rotineiramente a situações de violência física, psicológica, de gênero, assédio sexual e moral. Isso é consequência das relações de gênero e poder naturalizadas, que atuam como força motriz da violência no ambiente acadêmico, contribuindo para sua invisibilidade. Conclui-se que é importante criar espaços de discussão sobre a violência contra a mulher, especialmente no ambiente universitário, de modo a contribuir com a formação de enfermeira(o)s que respeitem os direitos das mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: Violência, Universidade, Saúde da Mulher, Enfermagem.

ABSTRACT: Violence against women refers to any aggressive act, physically or verbal, based on gender, that happens or has the possibility of causing death or physical, psychological or sexual suffering, in the public or private spheres. The research established as a general objective: to analyze the perception of females nursing students about violence against women suffered at university. It is a qualitative, descriptive and exploratory study approved by State University

of Santa Cruz Ethics Committee on Research on report nº 2.381.134. The locus of the study was the State University of Santa Cruz. The subjects were females Nursing graduates, between the sixth and the tenth period according to inclusion criteria. The data were collected through a semistructured interview and the review was done using the thematic content analysis method suggested by *Bardin*. It has been shown that the female nursing undergraduates don't have enough knowledge about violence against women, restricting the concept to typifications. In addition, these students are routinely exposed to situations of physical, psychological, and gender violence, also sexual and moral harassment. This is a consequence of naturalized gender and power relations, which act as driving force to violence in the university, contributing to your invisibility. Concludes that it's important to create spaces of discussion about violence against woman, especially at university, to contribute to the development of nurses who respect women's rights.

KEYWORDS: Violence, Universities, Women's Health, Nursing.

1 | INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher acompanha a história da humanidade até os dias atuais, sendo utilizada como ferramenta de controle social, de dominação e disputa pelo poder. É, portanto, resultado das relações socialmente estabelecidas, não existindo sociedade com ausência total de violência, o que depende do significado que cada uma atribui ao problema, em um determinado local e período de tempo (PIOSIADLO; FONSECA; GESSNER, 2014).

Existem diversas formas de violência, podendo ser classificadas quanto à natureza, ao agressor, ao local em que ocorrem ou a vítima, como, respectivamente, física, psicológica, moral, sexual, familiar, por parceiro íntimo, domiciliar, institucional, étnicas, de gênero, dentre outras.

A violência contra a mulher refere-se a qualquer atitude violenta física ou verbal, pautada no gênero, na esfera pública ou privada, que suceda ou tenha possibilidade de ocasionar óbito ou sofrimento corpóreo, psicológico ou sexual (SILVA; OLIVEIRA, 2015). Isso é reflexo de uma sociedade que possui valores machistas e patriarcais, que contribuem para o processo de naturalização e invisibilidade do problema.

Essa temática começou a ganhar visibilidade com o movimento feminista que, na década de 60, iniciou uma luta em oposição a violência doméstica contra as mulheres. Posteriormente, ampliou-se a luta contra qualquer tipo de violência perpetrada contra mulheres, o que permitiu uma aproximação com o âmbito político, levando à criação da Lei Maria da Penha, e com o âmbito acadêmico, fomentando o desenvolvimento de pesquisas, que impulsionaram as discussões atuais sobre o tema (GUIMARÃES; PEDROZA, 2015).

Embora a luta tenha sido internalizada nas produções e espaços acadêmicos, as universitárias ainda constituem um grupo vulnerável a agressões e abusos nas

dependências da universidade, o que contribui negativamente na formação dessas estudantes (GAMA, 2016). Essa é uma realidade nas universidades brasileiras, distribuída entre os diversos cursos ofertados, desde os predominantemente masculinos, como as engenharias, até aqueles majoritariamente femininos, como Enfermagem (PINTO; AMORIM, 2015).

Nessa linha de pensamento, procedeu-se a um levantamento bibliográfico para dar sustentação teórica ao estudo nas bases de dados da *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Biblioteca Regional de Medicina (Bireme), sendo encontrados 28 artigos, sendo que, destes, apenas um versava sobre a violência de gênero na graduação de Enfermagem. Isso atesta a importância científica de se desenvolverem pesquisas relacionadas à temática na perspectiva da Enfermagem, e justifica o desenvolvimento desse projeto.

De posse do aporte teórico, surgiu a seguinte questão norteadora: Quais as percepções de graduandas de Enfermagem sobre a violência contra a mulher sofrida no ambiente universitário? Por conseguinte, definiu-se como objetivo geral: analisar as percepções de graduandas de Enfermagem sobre a violência contra a mulher sofrida no ambiente universitário e como objetivos específicos: levantar os tipos de violência contra a mulher identificada pelas graduandas de Enfermagem no ambiente universitário, evidenciar as situações de violência vividas ou experienciadas pelas graduandas de enfermagem no ambiente universitário e refletir sobre a vulnerabilidade das graduandas de enfermagem no que tange à violência no ambiente universitário na perspectiva de gênero.

A relevância da pesquisa é demonstrada ao propor discutir sobre as relações estabelecidas no interior das universidades, para que se possa identificar situações de violência e pensar estratégias de combate e prevenção. Dessa forma, é fundamental ampliar as discussões sobre o assunto nos espaços acadêmicos, de modo a empoderar as graduandas.

2 | METODOLOGIA

O estudo consistiu em uma pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva. A pesquisa qualitativa visa a compreensão de um evento e dos elementos relacionados ao mesmo, atribuindo importância aos discursos e às perspectivas dos atores sociais envolvidos, através da análise aprofundada das percepções, significados e/ou concepções atribuídas ao evento em estudo (AUGUSTO et al., 2013).

As pesquisas exploratórias promovem a aproximação com uma temática pouco conhecida ou abordada pelo pesquisador, apresentando uma nova interpretação para o fenômeno em estudo (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2016). Enquanto as descritivas têm como objetivo caracterizar o elemento em estudo após realizar uma

análise aprofundada do mesmo, sendo uma pesquisa conclusiva (VOLPATO, 2016).

O cenário do estudo foi a Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). A UESC está localizada na Rodovia Ilhéus-Itabuna e sua área de abrangência estende-se por toda região sul da Bahia, contribuindo para o crescimento e desenvolvimento local. Conta com 33 cursos de graduação de Licenciatura e Bacharelado, nas áreas biológicas, exatas, humanas e ciências da saúde, dentre os quais está o curso de Enfermagem (UESC, 2017a).

O curso de Enfermagem da UESC foi implantado em 1986, na modalidade de Bacharelado. O tempo de formação do curso é de cinco anos, oferecendo 60 vagas anualmente, sendo 30 para ingresso no primeiro semestre e 30 para o segundo, pelo Sistema de Seleção Unificada (SiSU). Desse somatório, aproximadamente, 90% dos acadêmicos ingressantes são do sexo feminino, sendo que, essa porcentagem, se perpetua até o final da graduação (UESC, 2017b).

Os sujeitos do estudo foram graduandas de Enfermagem da UESC, de acordo com os seguintes critérios de inclusão: que estivessem cursando entre o 6º e 10º semestre do curso de graduação em Enfermagem independente da matrícula ser regular ou irregular, que já tivessem cursado ou estivessem cursando a disciplina de Saúde da Mulher, que possuíssem condições clínicas e psicológicas estáveis para participar do estudo, que tivessem vivido e/ou experienciado com outras pessoas situações de violência nas dependências da universidade ou em atividades/ambientes vinculadas à academia.

Por outro lado, os critérios de exclusão foram: graduandos de enfermagem do sexo masculino, que estivessem cursando do 1º ao 5º semestre, que não tivessem cursado a disciplina de Saúde da Mulher, que estivessem vivenciando algum transtorno emocional ou físico.

A pesquisa atendeu aos aspectos éticos preconizados na Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), obedecendo aos referenciais éticos como a beneficência, não maleficência, justiça, equidade, liberdade, dignidade e autonomia da pessoa humana (BRASIL, 2012). Foi submetida à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UESC (CEP – UESC), e somente após aprovação do estudo sob parecer nº 2.381.134, iniciou-se a coleta de dados com os sujeitos que aceitaram participar, através de um roteiro de entrevista semiestruturada.

As depoentes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), redigido de forma clara e simplificada. A coleta realizou-se nas dependências da UESC, nos domicílios das participantes ou em outro lugar onde as mesmas se sentissem confortáveis. Para manter a identidade das participantes em sigilo, cada uma escolheu o nome de uma flor. As entrevistas foram gravadas em formato digital, transcritas na íntegra e serão arquivadas pelo período de cinco anos.

A análise dos dados foi feita através do método de análise de conteúdo temática, que é uma técnica de estudo de mensagens, descritas por meio de métodos sistemáticos, a fim de se obter padrões, que permitam uma nova interpretação do

pesquisador (BARDIN, 2011).

3 | APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a coleta, os dados sociodemográficos das 25 depoentes foram processados, obtendo-se o seguinte perfil:

Quanto à idade, a faixa etária das estudantes variou de 21 a 34 anos. Em relação ao estado civil, 24 eram solteiras e apenas uma casada. Quanto à religião, três eram espíritas, sete católicas, 11 evangélicas, uma adventista e três afirmaram não possuir nenhuma religião.

Posteriormente, deu-se continuidade às etapas subsequentes da análise, resultando nas três categorias descritas a seguir:

3.1 A (in)suficiência no conhecimento sobre violência no ambiente universitário

Embora a visibilidade social da violência tenha aumentado, muitas mulheres ainda não compreendem a complexidade e profundidade deste fenômeno. Nesse sentido, nota-se que as entrevistadas possuem dificuldade em conceituar violência contra mulher, reduzindo esse fenômeno às suas tipificações e consequências conforme falas a seguir:

[...] violência contra mulher é um abuso, sendo qualquer fala, agressão física, moral. Violência é tudo aquilo que desacata a pessoa, no caso a mulher [...] **(ROSA)**.

[...] agressão física ou mental, psicológica a uma mulher que venha lesá-la de alguma forma [...] **(AZALEIA)**.

[...] todo tipo de violência física, moral, psicológica que a mulher sofre [...] **(JASMIM)**.

Essa dificuldade pode ser explicada pela reflexão incipiente acerca do tema, que leva a uma negação da violência ao propor explicações reducionistas para realidades complexas, contribuindo para a naturalização da mesma (GUIMARÃES; PEDROZA, 2015).

Além disso, a visão simplificada das discentes é perpetuada pela superficialidade de discussões sobre a temática durante a formação universitária, atribuindo a construção dos conhecimentos sobre violência aos veículos midiáticos e/ou ao senso comum (SILVA et al., 2018). Isso resulta em uma percepção embaçada do conceito de violência contra mulher, como apontado nos depoimentos abaixo:

[...] situação de desrespeito, de desagravo, é alguma situação que deixe a mulher desconfortável. Bater, gritar, dizer que ela não é capaz [...] **(PETÚNIA)**.

[...] todo tipo de violência que é cometida contra mulher e não se abrange somente a violência física, no caso a violência verbal, psicológica e sexual [...] **(LAVANDA)**.

[...] qualquer ato que seja realizado e que fira essa mulher seja fisicamente, moralmente, mentalmente, socialmente e que cause algum dano nela [...] **(FRÉSIA)**.

Percebe-se que as depoentes ficam restritas aos tipos de violência mais comumente discutidos na mídia, sendo estes a física, moral, psicológica e sexual, em detrimento de outros menos abordados, como a violência patrimonial, obstétrica, assédio moral e sexual e abuso.

Ainda que as diferentes tipificações digam muito sobre a violência contra mulher, é preciso entender a sua indissociabilidade das relações de gênero. Desse modo, faz-se necessário retomar o conceito de violência contra mulher, que é entendida como resultado das relações de gênero socialmente estabelecidas, que promovem e/ou perpetuam ações de cunho físico ou verbal, causando danos à saúde mental, física, sexual e emocional da mulher (SANTOS et al., 2017).

Com base nisso, poucas depoentes conseguiram relacionar o conceito de violência contra a mulher às questões de gênero, o que ressalta a invisibilidade dessa relação na violência e na formação das graduandas, como explicitado nos seguintes fragmentos:

[...] violência contra mulher é qualquer ato nessa relação entre os gêneros que leve dano a essa mulher [...] **(PEÔNIA)**.

[...] violência contra mulher é qualquer tipo de agressão direcionada a mulher. Não sendo só de homem contra mulher, mas mulher-mulher, qualquer gênero [...] **(DÁLIA)**.

[...] quando a pessoa, no caso, o homem tem a mulher como apropriação dele e ele achar que pode fazer o que quiser com a mulher, inclusive violentá-la verbalmente, fisicamente, psicologicamente [...] **(LÍRIO)**.

É preciso, portanto, entender gênero, que se refere às construções históricas e sociais de características, papéis e comportamentos, que são imputados às pessoas, diferenciando-as conforme o sexo (NETTO et al., 2014). As desigualdades de gênero, por estarem arraigadas na cultura e serem transmitidas entre gerações, assumem um caráter naturalizado e, conseqüentemente, invisível nas relações sociais, corroborando para a manutenção da violência contra a mulher (BEZERRA et al., 2016).

Nessa perspectiva, as mulheres são subjugadas a situações violentas em todas as esferas da vida, tais como a social, íntima e profissional. Isso pode ser percebido nas falas das entrevistadas ao citarem os ambientes doméstico, laboral e de saúde como locais em que a mulher se torna vítima da violência, como visto a seguir:

[...] violência contra mulher é tudo aquilo que a mulher sofre dentro do ambiente de trabalho, do ambiente doméstico [...] **(LÓTUS)**.

[...] existe a violência doméstica, a violência familiar, violência no trabalho [...] **(ÍRIS)**.

[...] doméstica, intrafamiliar [...] **(AÇUCENA)**.

[...] tem também a violência obstétrica [...] **(MARGARIDA)**.

Nota-se, entretanto, que a identificação do ambiente de saúde como local de perpetração da violência aparece discretamente, denotando a sua invisibilidade, até mesmo no discurso de graduandas de enfermagem. Isso se justifica pela abordagem pontual e fragmentada que, somado ao enfoque biológico dado à questão durante a formação acadêmica, corrobora para a insuficiência de conhecimentos acerca do tema (SILVA et al., 2016).

Ademais, a violência contra a mulher precisa ser entendida como uma forma de violação dos direitos humanos e civis da mulher. Essa percepção foi ressaltada apenas por uma das depoentes, como exposto abaixo:

[...] violência contra mulher é tudo aquilo que fere a minha dignidade, seja de modo psicológico, verbal ou físico, tudo aquilo que fere os meus direitos como mulher [...] **(AÇUCENA)**.

É preciso, portanto, reconhecer esse fenômeno como sendo um problema biológico, social, cultural, político e, principalmente, de saúde, e não o simplificar às suas tipificações e consequências (SILVA; OLIVEIRA, 2015). Desse modo, percebe-se o pouco conhecimento das discentes sobre os aspectos teóricos e conceituais que envolvem a violência contra mulher, o que aumenta a vulnerabilidade dessas estudantes a este fenômeno, tornando-as vítimas, sobretudo, nos espaços acadêmicos.

3.2 Situações de violência vividas no ambiente universitário

A universidade é considerada como um espaço do saber, onde são produzidos e repassados conhecimentos que contribuem na formação de diversos profissionais. Por ser um ambiente composto por atores sociais, sofre influência das ações dos mesmos, constituindo-se um reflexo da sociedade e de suas interações políticas e socioculturais (CRUZ; PEREIRA, 2013).

Este cenário universitário reflete e reproduz, portanto, aspectos positivos e negativos da sociedade, não estando isenta das mazelas, dentre as quais, a violência contra a mulher, como exposto a seguir:

[...] em outro pavilhão, uma amiga minha já me relatou que ela foi pra aula de saia ou vestido, e o professor ficou se contorcendo pra poder olhar a calcinha dela e, também, eu lembrei de um caso de uma menina que o rapaz entrou no banheiro e agrediu ela, aqui na UESC [...] **(MALVA)**.

[...] já teve um tipo de violência física, que eu ouvi falar. E já teve caso de professores mandar mensagens pelo celular para alunas fazendo algum tipo de propostas para colegas minhas [...] **(JASMIM)**.

[...] eu estava saindo da aula, descendo essas escadarias e eu passei por um carro, estacionado próximo à escadaria e tinha um cara socando uma menina. Ela tava de motorista e ele tava de acompanhante, e aí falei 'cê tá louco', e ele continuou agredindo ela, com socos mesmo, desferindo no rosto [...] **(CRAVINA)**.

Esses fragmentos expõem situações de violência física e de assédio sexual que

graduandas de enfermagem visualizaram no ambiente acadêmico, tendo como como perpetradores alunos e professores, do sexo masculino.

Ressalta-se que a violência física deva ser entendida como qualquer ação que possa provocar danos à integridade corpórea da mulher, desde as mínimas lesões ao óbito (CANUTO et al., 2014). O assédio sexual, pode ser definido como condutas que constroem a mulher em seu ambiente de trabalho e/ou estudo, através de cantadas, insinuações, gestos e ameaças, a fim de obter vantagens e/ou favorecimento sexual, frequentemente relacionado ao componente hierárquico existente nas relações trabalhistas (BRASIL, 2016).

Abordando, ainda, a agressão física, houve um caso impactante que ocorreu no curso de Enfermagem e se tornou de conhecimento público, como apontado abaixo:

[...] teve também outro caso de uma colega minha, que sofreu violência física, numa viagem de faculdade. O cara era policial, e ele não aceitou a opinião dela, e partiu pra cima, acho que chegou até bater [...] **(BEGÔNIA)**.

[...] só soube de um caso. Foi da minha colega, pude vê-la toda machucada. Aconteceu numa atividade da universidade. Ela foi agredida por um aluno também da universidade [...] **(CRISÂNTEMO)**.

[...] eu lembro do que aconteceu com uma colega que era da minha turma, uma situação que num evento fora da UESC ela foi agredida fisicamente por um outro colega do sexo masculino **(LAVANDA)**.

Essas falas evidenciam uma maior identificação com os casos de violência física. Isso pode ser explicado pelas marcas aparentes deixadas por este tipo de violência, permitindo a fácil visualização, mesmo quando há uma invisibilidade que circunda e vela esse agravo no ambiente acadêmico.

Quanto ao assédio sexual, muitas depoentes relataram, ainda, episódios em que as próprias se tornaram vítimas, tanto nas dependências físicas da academia como nos estúdios e práticas, como apontado:

[...] no hospital um senhor falou algumas coisas meio estranhas, pegou em minha mão de forma forte. É mais um assédio, mas tem a ver com violência. Que eu era gostosa (*falando com ênfase*), se eu queria sair com ele. Ele pegou na minha mão, no meu punho [...] **(ORQUÍDEA)**.

[...] sim, na cantina. Constranger a pessoa, de olhar fixamente para os órgãos genitais. Eu acredito que sejam até professores. Eles fazem isso com várias mulheres, não só comigo. E acaba que é constrangedor pelo fato de ser mulher, a gente é vítima o tempo todo de assédio [...] **(GÉRBERA)**.

[...] uma vez me apalparam aqui na faculdade. E também teve uma vez que eu saindo do RU, eu dei boa tarde para um funcionário e ele falou com um tom não muito respeitoso comigo. E outra, eu e uma amiga minha, saindo daqui da UESC, outra pessoa falou com ela em um tom de ousadia e ela respondeu, e ele bateu nela. Ele chegou a empurrar, ela caiu, ralou o cotovelo e o joelho [...] **(LÍRIO)**.

Embora apareça o assédio nos discursos das discentes de enfermagem, elas ainda não conseguem incluí-lo conceitualmente no acervo das tipificações. Isso se

deve ao conhecimento superficial e ao senso comum, que dificultam a compreensão desse fenômeno em sua complexidade (SILVA et al., 2018). Por isso, faz-se importante destacar outros casos de assédio sofrido por estas estudantes de enfermagem, como exposto a seguir:

[...] já vivi também de um professor, ele dar em cima de mim. Ele enquanto professor querendo, através de seu poder, tentar impor que eu tivesse alguma coisa, porque eu entendo que violência também é essa relação de poder [...] **(PEÔNIA)**.

[...] lembrei que semestre passado, a gente tava no estágio da rede de frio, a gente foi sair com o motorista pra poder fazer algumas entregas, e ele ficou dando cantadas o tempo todo no carro. Super constrangedor [...] Logo quando eu entrei no carro ele abaixou o espelho e falou 'olha aí, deve ser ótimo ser linda né?'[...] da mesma forma que ele me cantava, cantava outras. Esse negócio de ficar pegando, toda hora tocando, isso não era legal **(MAGNÓLIA)**.

[...] em estágio, assédio por parte de alguns pacientes comigo. Assim, de cantada mesmo, querendo dizer que ia levar pra casa, ser enfermeira particular [...] **(AZALEIA)**.

Nota-se a elevada ocorrência de casos de assédio com estudantes de enfermagem no seu ambiente de estudo e de trabalho. É importante ressaltar que os tipos de violência não se restringem às supracitadas, surgindo o assédio moral nas relações acadêmicas e laborais no âmbito da enfermagem.

O assédio moral é definido como atitudes e comportamentos, pautado nas relações de poder, que provoquem sentimentos de humilhação e/ou constrangimento na vítima, (BRASIL, 2016). Essa violência pôde ser percebida pelas discentes de enfermagem, como evidenciado abaixo:

[...] a professora fazer graça, chacota por eu não saber um termo que ninguém sabia, mas por eu não saber, ela ficou fazendo graça na frente de todas as enfermeiras. Ficar falando que eu sou péssima, sou horrível, não trabalho [...] **(AZALEIA)**.

[...] foi uma agressão verbal em que um profissional aumentou a voz com outra profissional, com a funcionária mulher, deixando ela de forma meio que humilhada, no ambiente hospitalar [...] a pessoa fez um procedimento errado e, ao invés da pessoa esperar um tempo pra poder repreender, repreendeu na frente de quem estava presente [...] **(ZÍNIA)**.

[...] na prática sim, eu fui meio que coagida por um profissional de lá e nesse lugar, ele falava de forma ríspida. Por eu ser estudante, não me respeitava de nenhuma forma. O lugar que eu chegava, ele me tratava de uma forma muito ruim, eu não sei se ele não gostou de mim, mas era assim, gratuito. Não chegava a ser uma violência verbal, de xingar, mas intelectual [...] de falar que eu não sabia fazer nada, que estudante não prestava pra nada [...] **(CRAVINA)**.

Evidencia-se o assédio moral no cotidiano dessas discentes, através de ações como a ridicularização, humilhação e inferiorização, o que provoca diversos danos à saúde das vítimas. Por mais que todos os tipos citados se refiram à violência tendo como vítima a mulher, é preciso salientar a violência de gênero enquanto uma das tipificações desse fenômeno.

A violência de gênero é conceituada como aquela praticada contra mulher, apenas pelo fato de pertencer ao sexo feminino, subsidiada e fomentada pela ideia de desigualdade e hierarquização entre os sexos (RODRIGUES et al., 2016). Assim, ser mulher é um fator preditivo para ser violentada, tendo como suporte uma sociedade desigual no que diz respeito à questão de gêneros.

Diante disso, as discentes consideraram como violência de gênero as seguintes situações vivenciadas ou experienciadas no ambiente universitário:

[...] tem uma situação que foi relatada por uma professora, ela contou que quando ela estava à frente do departamento, um certo professor viajou, não contou que voltou, não mandou a pauta da disciplina, e ela foi tirar satisfação com ele. E creio eu que por ela ser mulher, ele subiu o tom de voz e colocou o dedo na cara dela [...] **(LÓTUS)**.

[...] eu fui presidente do centro acadêmico durante 2 anos. E eu já sofri muito preconceito em relação a isso, por eu simplesmente ser mulher e tá assumindo um cargo de frente. Às vezes, a gente tava nos espaços, sempre os homens, dos outros centros acadêmicos também, sempre eles falavam mais e queriam se impor mais [...] **(GIRASSOL)**.

[...] entre funcionários da universidade. De ter um homem e uma mulher exercendo o mesmo cargo, e a mulher estar perguntando 'tem alguma coisa que eu possa fazer?' e tá querendo ser comunicativa com o homem em relação ao serviço, e ele dizer 'mulher fala demais'. Você quer fazer alguma coisa, vá varrer o chão [...] **(AMARÍLIS)**.

Nos discursos aparecem situações como a tentativa de rebaixamento, o cerceamento da fala e a tentativa de subjugação da mulher a serviços considerados como domésticos. Isso é reflexo das idealizações culturais e sociais sobre a mulher, naturalizando a violência e permitindo a perpetuação de construções machistas (COSTA; LOPES; SOARES, 2014).

Tal situação ressalta a discriminação que sustenta essa violência, e que está presente no ambiente acadêmico, mesmo em cursos majoritariamente femininos, como o de enfermagem. Nas falas das graduandas, citadas abaixo, aparecem situações de discriminação contra mulher, salientando esse constructo como um dos pilares da violência de gênero:

[...] um grupo de 6, sendo 2 meninos e 4 meninas e, uma determinada matéria, de certa professora, ela cobrava diferente pra nós 4. Eu presenciei que uma colega minha foi cobrada, e minha colega tava nervosa, não sabia, e essa determinada professora começou a bater no balcão 'Bora, aluna, vamo' e aquilo causou um dano muito grave pra minha colega, porque ela quase desiste da matéria nesse dia, ela saiu chorando. Essa forma de cobrar o assunto na prática, pelo simples fato dela ser mulher, era diferente [...] **(PEÔNIA)**.

[...] comigo mesma no ambiente, dentro da universidade no ambiente de outro curso. Numa prática de esporte, que eu faço uma arte marcial e os homens sempre dizer 'pega leve com ela, porque é mulher' [...] **(AMARÍLIS)**.

Percebe-se, portanto, as inúmeras faces que a violência adquire na universidade, não se restringindo àquelas menos veladas socialmente. Nessa perspectiva, a violência

contra mulher é impulsionada pelas relações de gênero naturalizadas pelos sujeitos, até mesmo no ambiente acadêmico. Isso contribui para a manutenção e perpetuação de atitudes machistas, sexistas e androcêntricas, que insistem em oprimir as mulheres.

3.3 Relações de gênero e poder desiguais como força motriz para violência contra mulher no ambiente universitário

Gênero, enquanto fator resultante das interações sociais, culturais e históricas, normatiza o que é ser homem e o que é ser mulher. Esse constructo não pode ser desvinculado das relações de poder estabelecidas no seio da sociedade, como forma de garantir a continuidade da hierarquia entre os sexos, privilegiando o masculino em detrimento do feminino (SOUZA et al., 2016).

Nessa lógica, as relações de gênero e de poder favorecem a perpetuação de assimetrias entre os sexos. Diante disso, a universidade, enquanto espaço social, também apresenta aspectos das relações de gênero e de poder nas suas atividades e interações acadêmicas, que fomentam a violência contra mulher, como pode ser observado:

[...] eu acredito que dentro da universidade, isso é sim possível, uma vez que o professor, às vezes, acha que ele tá sempre no nível maior [...] (**GARDÊNIA**).

[...] os colegas. E às vezes até professores mesmo, que é pior ainda, que você fica refém daquilo, fica com medo de falar, de denunciar e ser punido pelo professor [...] (**AZALEIA**).

[...] ainda existe muito essa questão da supremacia masculina. Eu acredito que isso aqui tá muito presente no meio universitário também. Vai desde o julgamento de roupa, que aqui na universidade tem muita diversidade. Eles se acham no direito de comentar ou de ter algumas atitudes, só porque a mulher tá se vestindo de uma forma que eles consideram muito [...] mostrando muito, que elas estão se oferecendo [...] (**LAVANDA**).

No discurso dessas discentes, surge a questão do poder atrelada às relações de gênero, ao passo que elas identificam os colegas e professores como maiores perpetradores da violência e vinculam isso à posição ocupada por esses.

Essas relações são frutos do patriarcado, que abarca toda sociedade civil e reafirma a hierarquização entre os sexos, fornecendo direitos aos homens sobre as mulheres e estabelecendo uma relação de dominação-exploração (ELIAS; GAUER, 2014). Assim, o patriarcado funciona como um sustentáculo para as relações de poder, caracterizando as mulheres como submissas aos homens.

Isso pode ser notado nos fragmentos abaixo, em que as discentes reconhecem essas relações e como elas estão atreladas aos aspectos da sociedade:

[...] se levar em consideração a relação de poder que, querendo ou não, existe na universidade entre professores e alunos, entendendo que a violência é essa imposição de poder, os maiores perpetradores são as colegas, as próprias pessoas que você tem vínculo. E os professores, eles perpetuam essa violência, pode ser até que não seja violência física, mas a imposição psicológica, o medo, a forma

como você fala, principalmente no campo do estágio. Eu acho que acaba que os professores, não sei se é por que nós somos a maioria mulheres [...] **(PEÔNIA)**.

[...] pensando pela agressão física são os homens, tanto no ambiente acadêmico quanto fora. E em relação ao julgamento entre quem vale mais ou quem sabe mais, algumas professoras ainda acham que são os homens. É uma sociedade machista, sexista, patriarcal, foi cunhada assim desde tempos remotos, então vai acabar refletindo na sociedade atual. A mulher é vista como um objeto sexual, um objeto frágil, se uma mulher se destaca: 'ah, ela teve sorte' ou 'ah, ela deu pro chefe'. Nunca por mérito dela [...] **(FRÉSIA)**.

[...] no ambiente acadêmico, os colegas. Essa agressão às mulheres sofrem mais do sexo oposto, dos homens [...] pra os tipos de violência que a gente já ouviu falar aqui, até de colegas mesmo, o gênero influencia bastante [...] **(CRAVINA)**.

Nesses fragmentos, as próprias mulheres atuam como perpetradoras da violência, demonstrando que as questões de gênero não são restritas às relações entre homens e mulheres, mas abarcam também as relações homem-homem e mulher-mulher, o que encontra justificativa, mais uma vez, na ordem patriarcal de gênero (SAFFIOTI, 2015).

Dessa maneira, as mulheres também são socializadas na cultura patriarcal, naturalizando as desigualdades entre os sexos e, também, a violência de gênero. Isso corrobora para o aumento da vulnerabilidade das mulheres à violência, visto que dificulta a percepção dos processos violentos. Tais situações podem ser identificadas nos seguintes discursos:

[...] tanto com os colegas homens como às vezes com as próprias colegas por terem pensamentos muito machistas [...] **(AÇUCENA)**.

[...] dentro do próprio ambiente daqui, quem mais propaga a violência, principalmente psicológica, são as próprias mulheres do curso, porque a gente vê que é muito julgamento que a gente sofre dentro do ambiente [...] **(GIRASSOL)**.

[...] alguns professores, homens e mulheres, que têm mais idade, que são de uma formação mais antiga. Uma professora que eu vejo muito a questão da submissão. A visão dela de que mulher tem que ser submissa, que enfermeira tem que ser submissa, enfermeira tem que obedecer ao médico, que geralmente, é homem [...] **(AMARÍLIS)**.

Os depoimentos expõem como a cultura androcêntrica afasta a mulher da sua emancipação e empoderamento social, submetendo-as a diversas formas de violência, perpetradas, inclusive, pelas próprias mulheres. Entretanto, no último fragmento acima, surge uma questão que se refere ao campo de atuação da enfermagem, que é a relação médico-enfermeira.

Esta relação é permeada pelo imaginário social de que as enfermeiras são auxiliares dos médicos e, portanto, devem ser subservientes a estes, o que contribui para o pouco reconhecimento social da Enfermagem. Ademais, é importante salientar que, em sua maioria, os profissionais de medicina são homens e os profissionais de enfermagem, majoritariamente, mulheres, o que corrobora para uma maior subjugação

destas a aqueles.

Isso encontra respaldo na história da Enfermagem, tida como uma profissão composta em sua maioria por mulheres, que foram criadas para serem dóceis e submissas, idealizadas sob a lógica da cultura hegemônica sexista e patriarcal (COSTA; COELHO, 2013). Desse modo, as mulheres são também subordinadas às relações hierárquicas e violentas quando desenvolvem o seu papel enquanto enfermeiras, o que pode ser percebido a partir dos fragmentos abaixo:

[...] sempre existe essa ideia, porque eu tenho colegas homens, que já perguntaram pra eles se eles eram médicos, sendo que uma mulher eles nunca perguntam se é médica, sempre se é enfermeira [...] **(MAGNÓLIA)**.

[...] dentro do ambiente universitário, eu creio que os maiores perpetradores da violência, pode surgir a partir dos professores homens principalmente porque nós somos estudantes de enfermagem, vê a mulher meio que mais fácil ou então vê maior facilidade por ter um grupo maior dentro da sala de mulheres, então o profissional que tá ali pode se aproveitar desse cargo pra começar um tipo de violência, um tipo de assédio [...] **(ZÍNIA)**.

[...] quando eu falei que tinha passado em enfermagem, eu ouvi um rapaz falar que eu seria comida de médico [...] **(AÇUCENA)**.

[...] pelo fato de sexualizarem muito a imagem da enfermeira, acontece muito isso [...] **(AZALEIA)**.

Nota-se nesses discursos a existência de assédio contra as discentes, que na condição de enfermeiras encontram-se muito vulneráveis a essa violência, sobretudo, quando se tem as relações de poder e de gênero como força motriz para violência no ambiente universitário. Essas atitudes estão vinculadas, mais uma vez, ao imaginário popular, que sexualiza e vulgariza a imagem da enfermeira, endossada pelas fantasias e fetiches sexuais.

Negar que relações machistas, de gênero e de poder estão presentes na sociedade, significa atuar sob a lógica patriarcal, que encontra meios capciosos de se revelarem, sendo responsáveis pela naturalização e invisibilidade dos processos violentos que vitimam as mulheres (SAFFIOTI, 2015).

Essa realidade se reflete na universidade, na medida em que não promove discussões sobre esses aspectos, negando a presença dos mesmos nas suas relações acadêmicas. Nesse sentido, uma das depoentes trouxe em sua fala a ausência dessas discussões, ressaltando a sua inexistência até mesmo nos cursos de saúde, como apontado:

[...] ainda existe muito machismo, que aqui não é muito debatido, até por a gente estar no curso de enfermagem, não é um assunto que é muito debatido [...] acho que o machismo ainda continua, mesmo que por debaixo do pano ainda ocorre bastante [...] **(JASMIM)**.

Demonstra-se o véu da invisibilidade que recai sobre a violência contra mulher, sobretudo na formação das discentes de enfermagem, impedindo o seu reconhecimento,

percepção e visualização, tornando-as mais vulneráveis a este agravo.

Nesse sentido, a universidade deve atuar promovendo uma formação crítica e livre de preconceitos, de modo a contribuir para o empoderamento das universitárias, e para a formação pessoal e profissional de todos os seus atores, que respeite os direitos das mulheres (BRILHANTE et al., 2016).

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que as discentes de enfermagem possuem um conhecimento superficial sobre a violência contra mulher e, portanto, insuficiente. Isso se deve à invisibilização desse fenômeno ao se ancorar nas relações de gênero e de poder naturalizadas na sociedade e, também, no ambiente universitário, o que contribui para sua perpetuação. Isso somado aos fatores que aumentam a vulnerabilidade dessas discentes, no âmbito da Enfermagem, as deixam ainda mais expostas a situações de violência, trazendo danos a sua saúde e ao seu desenvolvimento pessoal e profissional.

Portanto, ressalta-se a importância de criar espaços para discussão dessas questões na universidade, de maneira transversal, tanto na grade curricular dos cursos, sobretudo nos cursos de saúde, como Enfermagem, como em eventos extracurriculares, contribuindo na formação dessas graduandas e dos demais atores acadêmicos, ampliando a visibilidade desse fenômeno nos espaços sociais, de modo a reduzir o do número de mulheres vitimadas.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Cleiciele Albuquerque et al. **Pesquisa Qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober (2007-2011)**. Rev Econ Sociol Rural, v. 51, n. 4, p. 745-64, out./dez. 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo (SP): Edições 70, 2011.

BEZERRA, Juliana da Fonseca et al. **Conceitos, causas e repercussões da violência sexual contra a mulher na ótica de profissionais de saúde**. Rev bras promoç saúde, v. 29, n.1, p. 51-9, jan./mar. 2016.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466/12**. Brasília (DF): 2012.

BRASIL. Conselho Nacional do Ministério Público. **Assédio moral e sexual: previna-se** / Conselho Nacional do Ministério Público. Brasília: CNMP, 2016. 28 p.

BRILHANTE, Aline Veras Moraes et al. **Um estudo bibliométrico sobre a violência de gênero**. Saúde Soc, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 703-15, 2016.

CANUTO, Mary Ângela Oliveira et al. **Reflexões sobre violência contra a mulher e sua interface com a qualidade de vida**. Rev enferm UFPE, v. 8, n. 6, p. 1799-803, jun. 2014.

COSTA, Lúcia Helena Rodrigues; COELHO, Edméia de Almeida Cardoso. **Ideologias de gênero e sexualidade: a interface entre a educação familiar e a formação profissional de enfermeiras**.

Texto & contexto enferm, v. 22, n. 2, p. 485-92, abr./jun. 2013.

COSTA, Marta Cocco; LOPES, Marta Julia Marques; SOARES, Joannie dos Santos Fachinelli. **Representações sociais da violência contra mulheres rurais: desvelando sentidos em múltiplos olhares.** Rev Esc Enferm USP, v. 48, n. 2, p. 214-22, 2014.

CRUZ, Gênesis Vivianne; PEREIRA, Wilza Rocha. **Diferentes configurações da violência nas relações pedagógicas entre docentes e discentes do ensino superior.** Rev bras enferm, v. 66, n. 2, p. 241-50, mar./abr. 2013.

ELIAS, Miriam Freitas; GAUER, Gabriel José Chittó. **Violência de gênero e o impacto na família: Educando para uma mudança na cultura patriarcal.** Sistema Penal & Violência, v. 6, n. 1, p. 117-28, jan./jun. 2014.

GAMA, Joana Pires. **Violência sexual no campus universitário em Portugal.** 2016. 59 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto Universitário, Portugal, 2016.

GUIMARÃES, Maisa Campos; PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira. **Violência contra a mulher: problematizando definições teóricas, filosóficas e jurídicas.** Psicol soc, v. 27, n. 2, p. 256-66, ago. 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis (RJ): Vozes, 2016. 95 p.

NETTO, Leônidas de Albuquerque et al. **Violência contra a mulher e suas consequências.** Acta paul enferm, v. 27, n. 5, p. 456-64, 2014.

PINTO, Érica Jaqueline; AMORIM, Valquíria Gila de. **Gênero e educação superior: um estudo sobre as mulheres na física.** In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 37, 2015. Florianópolis. Anais. Florianópolis: UFSC, 2015.

PIOSIADLO, Laura Christina Macedo; FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da; GESSNER, Rafaela. **Subalternidade de gênero: refletindo sobre a vulnerabilidade para violência doméstica contra a mulher.** Esc Anna Nery, v. 18, n. 4, p. 728-33, out./dez. 2014.

RODRIGUES, Vanda Palmarella et al. **Violência de gênero: representações sociais de familiares.** Texto & contexto enferm, v. 25, n. 4, p. 1-10, 2016.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado, Violência.** 2 ed. São Paulo (SP): Fundação Perseu Abramo, 2015. 160 p.

SANTOS, Dherick Fraga et al. **Percepção de mulheres acerca da violência vivenciada.** Rev Fund Care, v. 9, n. 1, p. 193-9, jan./mar. 2017.

SILVA, Camila Daiane et al. **Representação da violência doméstica contra a mulher: comparação entre discentes de enfermagem.** Rev gaúch enferm, v. 39, n. 1, p. 1-21, 2018.

SILVA, Lídia Ester Lopes da; OLIVEIRA, Maria Liz Cunha de. **Violência contra a mulher: revisão sistemática da produção científica nacional no período de 2009 a 2013.** Ciênc Saúde Colet, v. 20, n. 11, p. 3523-32, 2015.

SILVA, Patrick Leonardo Nogueira da et al. **Práticas educativas sobre violência contra a mulher na formação de universitários.** Rev bioét, v. 24, n. 2, p. 276-85, 2016.

SOUZA, Luís Paulo Souza e et al. **Violência de gênero: o silêncio e enfrentamento vivido pelas mulheres à luz da fenomenologia social.** Rev enferm UFPE, v. 10, n. 10, p. 3842-50, out. 2016.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ. **A história**. Disponível em: <http://www.uesc.br/a_uesc/index.php?item=conteudo_historia.php>. Acesso em: 15 ago. 2017a.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ. **Curso de Enfermagem**. Disponível em: <http://www.uesc.br/colegiado_enfermagem/index.php?item=conteudo_sobre.php>. Acesso em: 15 ago. 2017b.

VOLPATO, Gilson Luís. **Dicas para redação científica**. 4. ed. Botucatu (SP): Best writing, 2016. 288 p.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-049-0



9 788572 470490